
PÓS-COLONIALISMO E O MUNDO PLURAL NA OBRA DE WALTER MIGNOLO

POST COLONIALISM AND THE PLURAL WORLD IN THE WORKS OF WALTER MIGNOLO

Marcos Costa Lima
Professor do Programa de Pós Graduação da UFPE
E-mail: marcoscostalima@terra.com.br

Antônio Manoel Elíbio Júnior
Professor UFRN
Email: tonyelibio@hotmail.com

Carolina Soccio Di Manno de Almeida
Mestra em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: carolinasoccio@hotmail.com

RESUMO: Esse artigo pretende discutir a proposta de Walter Mignolo no que se refere aquilo que o autor chama de “descolonização”. O autor argentino Walter Mignolo está inserido no projeto de modernidade/colonialidade ao lado de outros autores latino-americanos das diversas áreas das ciências sociais como Artur Escobar, Edgardo Lander, Fernando Coronil e têm em Aníbal Quijano e Enrique Dussel as figuras que lideram esse projeto. Tais autores acusam a lógica da colonialidade existente nas relações sociais, políticas e econômicas que tiveram início na colonização da América no século dezesseis e se perpetuam até o presente e, mais importante: a colonialidade do conhecimento. Não só visando a constatação da colonialidade, o projeto intenta ir além da acusação: procura alternativas ao eurocentrismo e ao colonialismo no pensamento.

PALAVRAS CHAVE: Pós-colonialismo. Eurocentrismo. Walter Mignolo.

ABSTRACT: Palavras chave: Abstract: This article aims to discuss the proposed Walter Mignolo regarding what the author calls "decolonization". The Argentinean author Walter Mignolo is inserted into the project of modernity / coloniality alongside other Latin American authors of the various areas of social sciences, as Arthur Escobar, Edgardo Lander, Fernando Coronil, who have as leaders of this project Aníbal Quijano and Enrique Dussel. The project accuses the logic of coloniality present in social, political and economic colonization that began in America in the sixteenth century and perpetuated so far, and most importantly: the coloniality of knowledge. Not only to the confirmation of colonialism, the project intends to go beyond the accusation: it seeks alternatives to Eurocentrism and colonialism in thought. This article aims to discuss the proposed Walter Mignolo regarding what the author calls "decolonization".

KEYWORDS: Post Colonialism. Eurocentrism. Walter Mignolo.

A retórica da modernidade, a lógica da colonialidade e o delinking epistemológico

O sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) identifica o início da modernidade no período da conquista da América pelos europeus. A novidade do continente americano estabeleceu um novo padrão de poder mundial, impulsionado pelo desenvolvimento do capitalismo colonial/moderno, estabelecendo um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse novo padrão de poder repousa na classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, como codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados, com a qual foi justificada a dominação colonial. O outro eixo foi a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial.

A classificação da população na ideia de raça na América foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista e demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, tendo sido perpetuado nos séculos seguintes e aplicado enquanto duraram as conquistas europeias, das Américas às Índias, passando a depender dessa classificação outro conceito igualmente universal: os povos conquistados e dominados foram postos em uma situação *natural* de inferioridade. Conseqüentemente encontraram-se em posição de inferioridade seus traços fenotípicos, suas descobertas mentais e culturais, seus sistemas de conhecimento (QUIJANO, 2005).

O capitalismo aparece como a nova estrutura de controle do trabalho, uma vez que todas as formas de controle de exploração do trabalho e de controle da população foram articuladas em torno da relação de capital e do mercado mundial. Quijano (2005) afirma que todas essas formas de controle do trabalho eram histórica e sociologicamente novas, e foram deliberadamente estabelecidas, organizadas, para produzirem mercadorias para o mercado mundial; existiam de maneira não somente simultânea, mas também articuladas com o capital e com seu mercado, e por esse meio entre si.

O pensamento de Quijano é importante na medida em que seus pressupostos fundamentais são tomados como base para a elaboração da proposta de Walter D. Mignolo. Mignolo (2007) afirma que o autor peruano foi quem introduziu o conceito de colonialidade como o lado invisível e constituinte da modernidade, e conectou a *colonialidade do poder* nas esferas política e econômica com a colonialidade do conhecimento. A experiência intelectual de Quijano, ressaltamos, é marcada por seu envolvimento com a teoria da dependência nos anos setenta, com destaque para seus debates com Immanuel Wallerstein (QUIJANO, 2005). No

entanto, a teoria da dependência manteve o debate nas esferas política e econômica analisando as relações de dependência, nessas esferas, entre centro e periferia. Um dos termos centrais da crítica à colonialidade como ela é elaborada por Quijano é a cumplicidade entre modernidade/racionalidade, noção excludora de Totalidade que negou e excluiu qualquer diferença e possibilidades de outras totalidades com as quais a expansão europeia tivesse contato, primeiro nas Américas e posteriormente em outras localidades. A intenção de Quijano (1992) é também demonstrar o regionalismo dessa noção de Totalidade que foi formada e expandida pelos europeus, propagadas como se fossem valores universais quando eram apenas resultado de um conjunto de fatores particulares ao contexto socioeconômico da Europa.

O projeto articulado em torno da noção de colonialidade do poder aponta para duas direções simultâneas. A primeira é analítica, pois pretende reconstruir histórias silenciadas, subjetividades reprimidas, conhecimentos subalternizados pela Totalidade, em nome da modernidade e racionalidade. Mignolo (2007) faz a ressalva de que alguns autores pós-modernos já fizeram a crítica a essa ideia de Totalidade, mas o fizeram dentro da história europeia e da história das ideias europeias, o que torna suas críticas internas e limitadas ao mesmo conjunto de pensamento que pretendem criticar. Daí vem a necessidade de que se reconheça a colonialidade, e que essa crítica venha a partir dessa perspectiva. Outro alerta que nos faz Mignolo (2007) é que a crítica à noção de Totalidade feita a partir da perspectiva da colonialidade não leva necessariamente à pós-colonialidade, a corrente teórica sobre a qual repousa nosso trabalho. Importantes autores pós-coloniais como o palestino Edward Said e os indianos Spivak e Bhabha são apontados pelo autor argentino como profundamente dependentes do pós-estruturalismo de autores europeus como Michel Foucault, Jacques Lacan e Jacques Derrida. Assim, a crítica à noção de Totalidade leva à *descolonialidade*. Colonialidade e descolonialidade introduzem a fratura no projeto de pós-modernidade ainda centrado na Europa e no projeto de pós-colonialidade dependente dessa estrutura, o que nos leva a buscar um pensamento que vai além desta e tenha seu início em outras fontes.

Essa busca nos leva à segunda direção do projeto articulado em torno da colonialidade do poder, a direção programática. Uma vez reconhecida a colonialidade, feita a crítica a partir de sua perspectiva, o próximo passo inevitável é o que Quijano (1992) vai chamar de “*desprendimiento*”, conceito que Mignolo (2007) atribuirá a seu projeto de mudança epistemológica sob o nome de *delink*, uma tradução para o inglês do termo utilizado em espanhol. Autores como Aimé Césaire, Amílcar Cabral, Frantz Fanon, entre outros, são

apontados como críticos em que espelhar esse projeto. Quijano define sua proposta de descolonização do pensamento como:

La crítica del paradigma europeo de la racionalidad/modernidad es indispensable. Más aún, urgente. Pero es dudoso que el camino consista en la negación simple de todas sus categorías; en la disolución de la realidad en el discurso; en la pura negación de la idea y de la perspectiva de totalidad en el conocimiento. Lejos de esto, es necesario desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad/modernidad con la colonialidad, en primer término, y en definitiva con todo poder no constituido en la decisión libre de gentes libres. Es la instrumentalización de la razón por el poder colonial, en primer lugar, lo que produjo paradigmas distorsionados de conocimiento y malogró las promesas libertadoras de la modernidad” (QUIJANO apud MIGNOLO, 2007, pp.452-4)

E propõe claramente a ideia de *desprenderse* enquanto mudança epistemológica descolonial ao afirmar que

[...] la descolonización epistemológica, para dar paso luego a una nueva comunicación inter-cultural, a un intercambio de experiencias y de significaciones, como la base de otra racionalidad que pueda pretender, con legitimidad, a alguna universalidad. Pues nada menos racional, finalmente que la pretensión de que la específica cosmovisión de una etnia particular sea impuesta como la racionalidad universal, aunque tal etnia se llama Europa occidental. Porque eso, en verdad, es pretender para un provincianismo el título de universalidad” (QUIJANO apud MIGNOLO, 2007, pp.452-3).

Delinking refere-se ao termo cunhado primeiramente por Samir Amim, cuja descolonização epistêmica corre em paralelo com a proposta por Mignolo (2007). Espera-se dessa proposta que ela, além de levar à descolonização epistêmica – ou melhor, por consequência disso – traga à tona outras epistemologias, outros princípios de conhecimento e compreensão, que evidenciem outra economia, outra política, outra ética.

A intenção de denunciar a pretensa universalidade de uma etnia particular – que Mignolo classifica como *body politics* – localizada em uma localidade específica do planeta – o que Dussel chama de *geo-politics* – pressupõe que o projeto de *delink* mover-se-á para além dos espaços das referidas políticas do conhecimento, o que permite dizer que o projeto deve ser compreendido como um giro epistêmico descolonial (MIGNOLO, 2005) que leve a uma outra universalidade, ou melhor dizendo: uma pluri-versalidade como projeto universal (MIGNOLO, 2007).

Exploraremos a seguir de forma mais detalhada os conceitos de modernidade/colonialidade, a retórica da modernidade que naturaliza as relações coloniais e a lógica da colonialidade que se perpetua até os dias de hoje, esclarecendo ao final como realizar este projeto.

A retórica da modernidade

Walter Dignolo (2007) desenvolve o que ele denomina de “mito da modernidade”: se a modernidade por um lado inclui um conceito racional de emancipação, por outro desenvolve um mito irracional que é a justificativa para a violência genocida que a Europa empregou em sua expansão mundial. O autor identifica na filosofia o pensamento onde o conceito racional de emancipação e a ideia da modernidade aparecem juntas, fazendo a separação da dimensão histórica e filosófica da modernidade. Tal distinção, feita por Hegel, é o que leva alguns autores situarem a modernidade na Renascença enquanto outros situam no Iluminismo. Para Hegel, a modernidade histórica possui três marcos: a Renascença, a Reforma e a descoberta do Novo Mundo; a modernidade política possui outros três diferentes que consistem na Reforma, no Iluminismo e na Revolução Francesa. (MIGNOLO, 2007). Aníbal Quijano, por exemplo, situa o início da modernidade na Renascença e na “descoberta” da América ao identificar o continente no século dezesseis como “o primeiro espaço/tempo de poder de vocação mundial e por isso, como a primeira *id-entidade* da modernidade” (QUIJANO, 2005).

Tanto o conceito filosófico quanto o histórico carregam consigo o conceito de emancipação. A Reforma Protestante é tida nesse contexto como um marco, na medida em que foi a intersecção específica da emergência do sujeito, do indivíduo, elemento fundamental para o conceito de emancipação; intersecção essa que Mignolo identifica como a mudança de *Theo* para *Ego politics*:

[...] it is easy to see how – and why – the concept of emancipation emerged from the ‘transition’ to ‘freedom of subjectivity’ and ‘critical self-reflexivity’ from lack thereof that began with the Reformation. The individual freedom sought to some degree within the Church by Luther became more and more autonomous through secularization until its detachment in Descartes dictum, ‘I think, therefore I am’, in Kant’s transcendental subject and in Hegel’s freedom of subjectivity and critical self-reflexivity. (MIGNOLO, 2007, p. 467).

As Revoluções Gloriosa, Francesa e Americana que seguiram, a Declaração dos Direitos

do Homem, o código Napoleônico validaram a vontade do sujeito sobre as leis historicamente preexistentes e a vontade divina (HABERMAS apud MIGNOLO, 2007, p. 34).

Dussel revela a retórica por trás do que ele chama de “conceito racional de emancipação” ao desvendar as limitações que tal conceito apresenta uma vez retirado de seu contexto, a experiência histórica particular europeia e a classe social burguesa ascendente que desejava a liberdade do sujeito da monarquia e da coerção da Igreja (MIGNOLO, 2007). A colonialidade, o outro lado da modernidade, não é levada em consideração no conceito racional de emancipação, e essa é uma crítica basilar que fazem os autores que participam do grupo de modernidade/colonialidade (MIGNOLO, 2007; QUIJANO, 1992; LANDER, 2005; DUSSEL, 2005). Afinal, a ciência objetiva, o desencantamento da natureza, a liberdade do sujeito, fazem algum sentido para povos que foram escravizados e tiveram suas subjetividades subalternizadas? Certamente os sujeitos das colônias também experimentaram a coerção monárquica e católico-cristã, mas a liberdade filosófica provavelmente não era a prioridade desses povos, e é perceptível que o conceito de emancipação é um conceito limitado de uma experiência particular europeia que foi levado para o resto do mundo sob a égide de uma universalidade – e continua a ser até hoje se observarmos a intervenção norte-americana no Iraque com fins de levar a democracia e liberdade, apenas para citar o exemplo mais gritante. Ainda que as elites políticas das ex-colônias tenham se baseado nas revoluções burguesas para atingir a independência (formal), é importante ressaltar que tais independências foram lideradas pelas elites – o que resultou na impossibilidade da formação do Estado-Nação na América Latina (QUIJANO, 2005) – e que o termo de “emancipação” foi aplicado apenas parcialmente, uma vez que a independência da Espanha ou Portugal, no caso da América Latina, colocou os novos países “in the economic hands of England, the political web of France and the philosophical net of Germany” (MIGNOLO, 2007).

Ainda que a modernidade não seja um fenômeno exclusivamente europeu, o conhecimento europeu apropriou-se desse fenômeno e tornou-se seu guardião, atribuindo ao pensamento ocidental a criação da modernidade. Mignolo (2007) acredita que foi no campo epistemológico que a retórica da modernidade ganhou força por produzir e reproduzir discursos e narrativas que justificaram a colonialidade. A retórica da modernidade, com seus abstratos universais como a liberdade, a igualdade, universalidade, direitos dos Homens, entre outros, permitiu que a matriz colonial do poder, que era parte dessa mesma modernidade fosse mantida em segredo, e ainda propagasse o mito da modernidade como progresso. Por esse motivo Mignolo (2007) defende a descolonização epistêmica “de-colonization (of the mind) must

unveil the totalitarian complicity of the rhetoric of modernity and the logic of coloniality in order to open up space for the possibility [...] of ‘another world’ in which many worlds will co-exist” (MIGNOLO, 2007, p. 469).

Mignolo (2005; 2007) descreve a lógica da colonialidade como “*the dark side of modernity*” uma vez que parte constituinte da modernidade é a expansão territorial: “from the inscription of these events in the memories and bodies, the ‘experience’, of people whose ‘freedom of subjectivity’ has been formed as need from their experience of oppression, coloniality comes to the fore as the darker side of modernity” (MIGNOLO, 2007, p. 470). A colonização a que Mignolo se refere diz respeito não somente à conquista territorial, inclui a colonização do espaço e do tempo dos povos colonizados, ao suprimir suas histórias e narrativas a fim de criar e impor a própria narrativa ocidental, o que dava – e continua dando, – a força e motor à supremacia epistemológica europeia: “the colonization of time and the institution of temporal colonial difference were crucial for the narratives of modernity as salvation, emancipation and progress” (MIGNOLO, 2007, p.470). A força da epistemologia europeia como a “verdadeira ciência” e a experiência colonial situam até o presente os povos colonizados “*behind in time and far in space*”, sendo o conhecimento produzido por esses povos classificados como cultura (MIGNOLO, 2007), magia, crenças, superstição (SANTOS, 2007; CHAKRABARTY, 2000).

Mas o que é a lógica da colonialidade, e como ela funciona? Como vimos, Walter Mignolo afirma que a colonialidade é parte que constitui a modernidade, e que uma não existiria sem a outra; falar da modernidade como progresso na História da humanidade sem levar em conta a lógica da colonialidade é contar apenas metade da História. Mais uma vez, o autor busca em Quijano pressupostos que vão fundamentar sua argumentação:

“The spatial/temporal and imperial/colonial differences are organized and interwoven through what Peruvian sociologist Anibal Quijano has articulated as the **colonial matrix of power**, which was instituted at the inception of the “modern” world (according the narratives told by European men of letters, intellectuals and historians) or the modern/colonial world.” (MIGNOLO, 2007, p. 476, grifo nosso)

Assim, o autor entende o mundo colonial/moderno e a matriz colonial de poder como sendo parte de um mesmo complexo histórico. A matriz colonial de poder é a especificação do que o termo “mundo colonial” significa em ambos sua estrutura lógica e em sua transformação histórica.

Enquanto transformação histórica há o advento da “descoberta” das Américas no século XVI, a ideia de “novidade” que está embutida nesse evento e acima de tudo as consequências econômicas: a transferência do poder econômico do Mediterrâneo para o Atlântico, a mudança qualitativa na produção de *commodities* e a transformação do circuito comercial (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2007). A Europa renascentista e o Novo Mundo eram duas âncoras fundamentais do mundo moderno/colonial que seguraram juntas a cumplicidade entre a lógica da colonialidade e a retórica da modernidade, co-existindo e co-dependendo na formação do capitalismo que conhecemos hoje (MIGNOLO, 2007; CHAKRABARTY, 2000): “the logic of coloniality is, indeed, the implementation of capitalist appropriation of land, exploitation of labor and accumulation of wealth in fewer and fewer hands” (MIGNOLO, 2007, p. 477).

Quijano (2000) identifica a matriz colonial do poder articulada em quatro campos diferentes, porém mutuamente articulados, sendo eles: i) a apropriação da terra e exploração do trabalho; ii) o controle da autoridade nas colônias; iii) o controle de gênero e sexualidade, baseado em valores cristãos como família, valores e condutas sexuais e de gênero; iv) o controle da subjetividade (fé cristã e ideias seculares de sujeito e cidadania) e no controle do conhecimento (princípios cristãos, princípios da Razão e filosofia secular, ciências naturais). A correlação desses campos da experiência humana se faz através do conhecimento, racismo, e capital, que vamos explorar a seguir sob a ótica do sociólogo peruano.

O fator racial para Quijano (2000) tem um valor considerável explícitos em seus escritos. Para o autor, o controle do conhecimento no Cristianismo ocidental pertencia ao homem cristão branco, o que significa que o mundo seria concebido através de sua perspectiva. E continua a sê-lo. Qualquer forma de conhecimento ou subjetividade que não se encaixasse nos padrões estabelecidos pelo cristianismo era eliminada do padrão de humanidade; uma vez classificados, os povos eram colocados em uma genealogia de ser, ou em uma casta para usar o termo do século XVI, o que foi paulatinamente traduzido em raça. Mignolo acrescenta:

The racial classification that constitutes the modern/colonial world (through the imperial and colonial differences) had in theology and the Theo-politics of knowledge it's historical and epistemic foundation. The secular version of the late eighteenth and nineteenth century was a simply translation from theo-politics into secular ego-politics of knowledge as the final horizon of knowledge (MIGNOLO, 2007, p.480)

No que diz respeito ao capitalismo, Mignolo (2007) expande a definição dada por Quijano ao fazer uma distinção que ele acredita ser necessária entre capital e capitalismo. Por

um lado, capital refere-se aos recursos – tal como terras, ferramentas, dinheiro – necessários para a produção e distribuição das mercadorias e também para as intervenções políticas no controle da autoridade. Por outro, capitalismo diz respeito a uma filosofia baseada em um tipo específico de estrutura econômica; da mesma forma que Chakrabarty (2000) estrutura seu argumento a respeito do capitalismo, como veremos no capítulo seguinte, Mignolo (2007) faz a necessária distinção entre capital e economia capitalista ao afirmar que outras estruturas políticas poderiam ser realizadas na qual o capital, enquanto componente de estrutura econômica, não tivesse o papel principal. A intenção de Mignolo é distanciar-se do que ele chama de “armadilha” da modernidade de que o progresso só é possível através do capital/capitalismo ao passo que vela a lógica da colonialidade presente nesta estrutura econômica e na filosofia que a embasa e impulsiona. Nesse ponto, Mignolo (2007) reconhece a importância de Marx e do marxismo para o pensamento crítico e a crítica ao capitalismo, mas afirma que suas teses não levam em conta a colonialidade e que o autor cai na armadilha do mito do progresso através do capital. A matriz colonial do poder como descrita por Quijano e desenvolvida por Mignolo torna-se a fundação do capitalismo e “capitalism as the engine of the system that bears the name of ‘neoliberalism’, a conservative and violent narrative advancing war and free trade to expand the Western world, continues to reproduce the colonial matrix of Power” (MIGNOLO, 2007, p. 483).

Walter Mignolo esboça uma necessidade de elaboração de uma nova epistemologia que possa conceber o mundo de uma forma crítica em seu livro *The Idea of Latin America* (2005), mas é somente em 2007 que elabora de forma mais específica sua proposta, que é apresentada nos termos que veremos a seguir.

Parte do projeto proposto pelo autor consiste na necessidade de reescrever a história global incorporando novas crônicas, processo que já está em andamento. A teoria crítica elaborada até o momento, que bebe do arcabouço teórico europeu deve ser levada além, ao nível do que o autor propõe como de-linking sendo complementado pela descolonização, descolonizando o paradigma moderno/colonial hegemônico e eurocentrado. Mesmo o pensamento crítico europeu está tão entrincheirado na memória e subjetividade europeia que este não é capaz de ver o paralelo entre a situação de opressão e a colonialidade a que outros povos foram sujeitados, pela própria Europa.

O autor propõe uma gramática da descolonização epistêmica, compreendendo um vocabulário, sintaxe e semântica específicos. Por um lado, é preciso demonstrar a parcialidade e limitações do paradigma ocidental, o que vai permitir o crescimento e expansão do

conhecimento. Mas essa atitude sozinha não seria suficiente, pois “it will not suffice to denounce its content while maintaining the logic of coloniality, and the colonization of knowledge, intact. The target of epistemic de-colonization is the hidden complicity between the rhetoric of modernity and the logic of coloniality” (MIGNOLO, 2007, p.485). E a maneira de fazer isso, diz o autor, seria *learning to unlearn*. A viragem epistemológica que Mignolo propõe e vai chamar de *de-colonial shift* pertence a um outro espaço, “to the epistemic energy and the lack of archive that has been supplanted by the rumor of the dis-inherited” (MIGNOLO, 2007, p. 485).

Espera-se que gramática da descolonialidade, descolonização do conhecimento e do ser levará conseqüentemente à descolonização da teoria política e da economia política. A prática da libertação – e não emancipação, pois este conceito se insere na realidade europeia – e descolonização começam com o reconhecimento, em primeiro plano, que a colonização do conhecimento e do ser consiste em usar o conhecimento imperial para reprimir as subjetividades colonizadas. O processo de construir estruturas de conhecimento que emergem da experiência de humilhação e marginalização que foram postas em prática pela matriz colonial de poder se dá a partir daí (MIGNOLO, 2007).

O pensamento europeu poderia ser apenas mais um dentre as diversidades dos conhecimentos e subjetividades existentes; mas a partir do momento em que um número limitado de pessoas acredita ser portador do “bem” para a humanidade, é preciso denunciar a pretensão provinciana da universalidade eurocêntrica. Mignolo aceita que uma das direções para descolonizar o conhecimento seja provincializar a Europa, da mesma forma como foi proposta pelo indiano Dipesh Chakrabarty. Dessa forma Mignolo, seguindo o raciocínio de Quijano, afirma que a crítica ao paradigma eurocêntrico do conhecimento não pode ser uma rejeição total do conceito de totalidade ou do conceito europeu do sujeito. Fazer isso seria usar a mesma lógica do que se pretende criticar e pretender que um universalismo diferente seria melhor que outro, munido das mesmas lógicas totalizadoras.

Para contribuir com um mundo onde vários mundos podem co-existir, ele precisa ser descolonizado e reformulado através da geopolítica do conhecimento, mas para que a descolonização do conhecimento seja plenamente operante nós precisamos criar alternativas para a modernidade e a civilização neoliberal. Mignolo (2007) afirma que alternativas a partir das perspectivas e consciências epistêmicas vindas “de baixo”, sob os moldes que ele está propondo não são mais utopias: já estão anunciadas na escrita e oralmente através de movimentos sociais e intelectuais. Embora não sejam amplamente divulgadas, múltiplas

fraturas estão criando largas quebras epistêmicas. A descolonização pressupõe o que o autor chama de *border thinking* como o conector entre a diversidade das histórias subalternas e suas correspondentes subjetividades, ou seja, o pensamento deve vir das margens. Mignolo retoma o conceito de trans-modernidade cunhado por Enrique Dussel para afirmar que a crítica deve vir não simplesmente “de fora”, mas da “exterioridade” “where the difference between ‘the space of experience and ‘the horizon of expectations’ becomes apparent” (MIGNOLO, 2007, p. 494).

O “espaço da experiência” e o “horizonte das expectativas” é diverso, ou pluri-verso:

what each diverse local history has in common with others is the fact that they all have to deal with the unavoidable presence of the modern/colonial world and its power differentials, which start with racial classification and end up ranging the planet. [...] the plurivestality of each local history and its narrative of decolonization can connect through that common experience and use it as the basis for a new common logic of knowing: border thinking. (MIGNOLO, 2007, p. 497).

Sendo assim, o autor adotará o que ele chama de *border thinking* como o método de sua proposta de *delinking*.

Considerações finais

Estratégias para o futuro devem ocorrer em diversas localidades do planeta como resultado da descolonização. Seguindo muitos autores como Boaventura de Sousa Santos e Darby, Mignolo identifica o Fórum Social Mundial como um resultado e gerador de alternativas para o futuro mundial; também cita escritores de vozes subalternas entre os asiáticos e sul-americanos que começam a escrever outras histórias. O autor conclui afirmando que

The struggle for epistemic de-coloniality lies, precisely, here: de-linking from the most fundamental belief of modernity: the belief in abstract universals through the entire spectrum from the extreme right to the extreme left. For this reason, to imagine a new global left means falling back into the old house while just changing the carpet. (MIGNOLO, 2007, p.500).

A proposta epistemológica de Mignolo em muito se aproxima do que foi dito por

teóricos críticos como Dipesh Chakrabarty. No entanto, suas propostas não parecem extensivamente elaboradas. Mesmo ao propor um mundo pluri-verso, ele parece não estar pronto para aceitar todas as formas de pensamento. Se, como ele afirma, o pensamento europeu não deve ser totalmente rejeitado, por que motivo o autor recusa a episteme de Said, Bhabha e Spivak ao acusá-las de “fortemente dependentes do estruturalismo”? (MIGNOLO, 2007). Edward Said, por exemplo, reconhece o imperialismo europeu e faz contundentes críticas a Michel Foucault quando o acusa de estar alheio à colonização francesa enquanto seu sujeito se afunda cada vez mais em uma microfísica do poder, da qual é impossível se libertar (SAID, 2011). Ademais, sendo a colonização uma experiência de mão dupla (INAYATULLAH E BLANEY, 2004.), ou seja, que leva em conta o colonizador e o colonizado, tendo seus reflexos até os dias atuais, vide à inversão dos fluxos migratórios e crescente presença dos ex-colonizados nas ex-metrópoles, não parece fazer muito sentido clamar por uma exterioridade e deixar esse contingente de potenciais críticos impossibilitados de realizar o *delinking* proposto, incluindo os movimentos sociais e perspectivas de um novo horizonte. Nas ex-colônias ou ex-metrópoles, onde quer que estejam, os povos colonizados serão sempre *damnés de la terre*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMAD, A. *Postcolonial theory and the “-post” condition*. Em: *The Socialist Register*. 1997.

ALKER, H. BIERSTEKER, T. *The Dialectics of World Order: Notes for a Future Archeologist or Internationalist*. Em: Der Derian, J. *International Theory: Critical Investigations*. Londres, Macmillan. 2005.

ALVARES, Claudia. *Teoria pós-colonial, uma abordagem sintética*. Em: *Revista de Comunicação e Linguagens – Tendências da cultura contemporânea*. Lisboa, Relógio d'Água. 2000.

APPADURAI, Arjun. *Grassroots globalization and the research imagination*. Em: *Public Culture*, n.2o, vol.1. Duke University Press. 2000.

_____. *Après le colonialisme*. Paris, Gallimard. 2008.

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G. TIFFIN, H. (org.) *The postcolonial studies reader*. Londres, Routledge. 1995

BHABHA, H. K. *The location of culture*. Londres, Routledge. 1994.

_____. *Signs taken for Wonder*. Em: Ashcroft, B., Griffiths, G, Tiffin, H. *The postcolonial studies reader*. Londres, Routledge. 1995.

BULL, H. *The theory of International Politics, 1919-1969*. Em: Der Derian, J. *International Theory: Critical Investigations*. Londres, Macmillan. 20005.

CHAKRABARTY, D. *Postcoloniality and the Artifice of History: Who speaks for 'Indian' Pasts'?* Em: *Representations*, n.37. *Special Issue: Imperial Fantasies and Postcolonial Histories*. University of California Press. 1992.

_____. *A Small History of Subaltern Studies*. Em: *A Companion to postcolonial studies*. Oxford, Blackwell Publishing. 2000.

_____. *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton, Princeton University Press. 2000.

CORONIL, F. *Listening to the Subaltern: The Poetics of Neocolonial States*. Em: *Poetics Today*, vol. 15, n. 4, *Loci of Enunciation and Imaginary Constructions: the Case of (Latin) America*. Duke University Press. 1994.

_____. *Beyond Occidentalism: Toward Nonimperial Geohistorical Categories*. Em: *Cultural Anthropology*, vol11, n.1. American Anthropological Association. 1996.

_____. *Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo*. Em: Lander, E. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO. 2005.

DARBY, P. *Postcolonizing the international. Working to change the way we are*. Honolulu, University of Hawai'i Press. 2006.

DER DERIAN, J. *Introduction: Critical Investigations*. Em: Der Derain, J. (org). *International Theory: Critical Investigations*. London, Mcmillan. 2005.

DIRLIK, A. *The Postcolonial Aura: Third World Criticism in the Age of Global Capitalism*. Em: *Critical Inquiry*, n.20. 1994.

DUSSEL, E. *Filosofia de Liberación*. Mexico, Edicol. 1977.

_____. *Europa, modernidade e eurocentrismo*. Em: Lander, E (org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO. 2005.

ESCOBAR, A. *Encoutering Development*. Princeton, Princeton University Press. 1995.

_____. *Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of location*. Em: *Political Geography*, n.20. Elsevier. 2001

FANON, F. *Peau noire, masques blancs*. Paris, Seuil. 1952.

_____. *Les damnés de la terre*. Paris, Maspéro. 1961.

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard. 1995.

GROSFUGUEL, R. *La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronteirizo y colonialidad global*. Em: *Tabula Rasa*, n.4. Bogota. 2006.

GROVOGUI, S. N. *Beyond eurocentrism and anarchy. Memories of International Order and Institutions*. Nova York, Palgrave Macmillan. 2006.

GUHA, Ranajit. *History at the limit of World-History*. New York, Columbia University Press. 2002.

HALLIDAY, F. *Rethinking international relations*. Londres, Macmillan. 1994.

HOFFMAN, S. *An American Social Science: International Relations*. Em: Der Derian, J. (org). *International Theory: Critical Investigations*. Londres, Macmillan. 2005.

INAYATULLAH, N., BLANEY, D. *International Relations and the problem of the difference*. Londres, Routledge. 2004.

JONES, B.G. (org). *Decolonizing International Relations*. Lanham, Rowan & Littlefield. 2006.

LANDER, E. *Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos*. Em: Lander, E (org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO. 2005.

MIGNOLO, W. *Teorizar a traves de fronteras culturales*. Em: *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Ano 17, n.33. CELACP. 1991.

_____. *Colonial and post-colonial discourse: cultural critique or academic colonialism?* Em: *Latin American Research Review*, vol. 23, n. 3. The Latin American Studies Association. 1993.

_____. *Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledge and Border Thinking*. Princeton, Princeton University Press. 2000.

_____. *The many faces of cosmo-polis: border thinking and critical cosmopolitanism*. Em: *Public Culture*, n. 12, vol. 3. Duke University Press. 2000.

_____. *The Idea of Latin America*. Oxford, Blackwell Publishing. 2005.

_____. *Human understanding and (latin) american interests – the politics and the sensibilities of geohistorical locations*. Em: *A Companion to postcolonial studies*. Oxford, Blackwell Publishing. 2005.

_____. *Citizenship, knowledge and the limits of humanity*. Oxford, Oxford University Press. 2006.

_____. *Delinking. The rethoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality*. Em: *Cultural studies*, n. 21, vols 2 e 3. Routledge. 2007.

NEUFELD, M. *Beyond (Western) International Relations Theory: the post-colonial tradition and the Restructuring of (Critical) IR Theory: Five Theses*. Em: *Center for the Critical Study of Global Power and Politics*. Ontario, Trent University. 2009.

QUIJANO, A. *Raza, Etnia y Nación em Mariátegui: cuestiones abiertas*. Em: Morgues, R. (org.) *Mariátegui y Europa: El Outro Aspecto del Descubrimiento*. Lima, Editora Amauta. 1993.

_____. *El fantasma del desarrollo em America Latina*. Em: *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*. Vol.6, n.2. 2000.

_____. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Em: Lander, E. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO. 2005.

SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia de Bolso. 2007.

_____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras. 2011.

SANTOS, B. de S. *Entre o próspero e o Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e interidentidade*. Em: Ramalho, I, Ribeiro, A.S. (orgs.) *Entre ser e estar: Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*. Porto, Afrontamento. 2001.

_____. *Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial. E para além de um e outro*. Centro de Estudos Sociais, Universidade do Minho. 2004.

_____. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo, Cortez Editora. 2005.

_____. *O Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo, Cortez Editora. 2005.

SPIVAK, G.C. *Can the subaltern Speak?* Em: Ashcroft, B., Griffiths, G, Tiffin, H. *The postcolonial studies reader*. Londres, Routledge. 1988.

ARTIGO ENVIADO EM: 05/05/2013
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 17/07/2013